

**MAPAS MENTAIS E A REPRESENTAÇÃO GEOCOGNITIVA:
novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a
compreensão dos lugares e das paisagens**

**MENTAL MAPS AND GEOCOGNITIVE REPRESENTATION: new
instrumental and methodological possibilities for understanding places and
landscapes**

**MAPAS MENTALES Y REPRESENTACIÓN GEOCOGNITIVA: nuevas
posibilidades instrumentales y metodológicas para entender lugares y paisajes**

Rahyan de Carvalho Alves

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa GECES. Professor Efetivo da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

rahyncarvalho@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0001-7225-5959>

Mariana Rodrigues da Costa Neves

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa GECES.

mariana.costaneves@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-9980-7335>

Adília Jardim Silva

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa GECES.

adilijardim@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0003-1524-6217>

José Antônio Souza de Deus

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Instituto de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG. Coordenador do GECES – Grupo de Estudos Culturais e Etnogeográficos.

jantoniodeus@uol.com.br / <http://orcid.org/0000-0002-1737-4960>

Recebido: 02/10/2019; Aceito: 13/01/2021; Publicado: 04/04/2021.

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar uma reflexão sobre os processos geocognitivos concernentes aos mapas mentais e analisá-los a partir das categorias de análise geográficas lugar e paisagem, com a intenção de compreender o mundo vivido ali expresso. O trabalho está estruturado em três segmentos; e no primeiro deles se discute as categorias em questão, à luz dos paradigmas de interpretação da geografia humanista cultural. Num segundo momento problematiza-se sobre a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo e a construção do conceito de geocognição; em seguida analisa-se a relevância dos Mapas Mentais como forma de representação geocognitiva. Por fim, apresenta-se as considerações finais. Foram utilizados como procedimentos metodológicos na investigação: pesquisa bibliográfica e documental, com o aporte de recursos iconográficos, seguidas de contextualização e sistematização das informações e reflexão crítica sobre os conceitos e temas trabalhados.

Palavras-chave: Mapas Mentais; Geocognição; Lugar; Paisagem; Geografia Humanista Cultural.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present a reflection on the geocognitive processes in mental maps, and to analyze them from the point of view of geographical categories: Place and Landscape, with the intention of understanding the lived world expressed there. The research is structured in three moments: at first the categories of place and landscape are at issue in the light of cultural humanistic geography; in a second moment an explanation is made on the Theory of Cognitive Development and the construction of the concept of geo-cognition; next, the importance of the Mental Maps as a form of geocognitive representation is analyzed; and, finally, the conclusions are presented. For this purpose, the literature and documentary review and the contribution of iconographic resources were used as methodological tools.

Keywords: Mind Maps; Geocognition; Place; Landscape; Humanist Geography.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar una reflexión sobre los procesos geocognitivos relacionados con los mapas mentales y analizarlos desde las categorías de análisis geográficas de lugares y paisajes, con la intención de comprender el mundo vivido allí expresado. El trabajo se estructura en tres segmentos: las categorías en cuestión se discuten primero a la luz de los paradigmas de interpretación de la geografía cultural humanista; en un segundo momento, se hace una explicación sobre la teoría del desarrollo cognitivo y la construcción del concepto de geocognición; luego, analizamos la relevancia de los Mapas Mentales como una forma de representación geocognitiva. Finalmente, se presentan las consideraciones finales. Para ello, utilizamos como procedimientos metodológicos la investigación bibliográfica y documental, con el aporte de recursos iconográficos, seguido de contextualización y sistematización de la información y reflexión crítica sobre los conceptos y temas trabajados.

Palabras clave: Mapas mentales; Geocognición; Lugar; Paisaje; Geografía Cultural Humanista.

INTRODUÇÃO

Alterações culturais, percepções visuais, imagens, manifestações materiais de ideologias, dimensões da realidade simbolicamente marcadas, expressões do pensamento humano, pensamento visual, cultura visual, cultura material de ordem não-tecnológica, marcas culturais, pinturas rupestres são uma amostra de proposições conceituais acerca do fenômeno aqui apresentado, constituindo fragmentos de percepções a respeito dos lugares e das paisagens, expressos através de mapas mentais. Entendemos que tendo em perspectiva as técnicas de produção dos mapas e os contextos ambientais de sua inserção geográfica, é viável se analisar com detalhamento cada realidade expressa, levando em consideração que em diversas situações a geocognição apresenta-se nos processos de espacialização da realidade expressa através da linguagem não verbal, e da compreensão da relação Terra-Homem/Terra-Cérebro Humano.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é buscar compreender os processos geocognitivos em mapas mentais, e analisá-los a partir das categorias de análise geográficas

lugar e paisagem, com a intenção de compreender o mundo vivido ali expresso. Para tanto, estruturou-se o trabalho em três segmentos. No primeiro momento serão discutidas as categorias de análise geográficas lugar e paisagem à luz dos paradigmas de interpretação da geografia humanística cultural, problematizando-as em sintonia com os conceitos de mundo vivido e mundo percebido; no segundo momento desenvolver-se-á uma discussão sobre a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo e a construção do conceito de geocognição; e no terceiro momento se analisou a relevância dos mapas mentais como forma de representação geocognitiva dos lugares e das paisagens. E, por fim, apresentar-se-ão algumas considerações finais. Para tanto, utilizou-se como procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental (utilizando-se ainda o aporte de recursos iconográficos), contextualização das informações e sistematização das informações e problematização/ reflexão crítica sobre os conceitos e temas investigados.

O OLHAR DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL SOBRE OS LUGARES E AS PAISAGENS

A análise das categorias geográficas lugar e paisagem pode e deve ser desenvolvida a partir do enfoque humanista, pois pode se conceber que os genuínos lugares e as paisagens são aqueles(as) alcançadas como interiores das nossas emoções (GUIMARÃES, 2002). Dessa maneira, pode-se investigar o campo da experiência humana mergulhando-se numa das vertentes mais antigas do pensamento ocidental, ou seja, aquela em que os sentidos, as sensações, percepções e os usos cognitivos, inseparáveis do corpo e da relação entre o Eu e o Mundo, são considerados muito relevantes para a construção histórico memorial do indivíduo em sociedade (MARANDOLA Jr., 2005). Dado que a geografia humana estuda os homens, suas atividades e obras na Terra, tentando explicá-la levando em consideração os modos através dos quais os grupos se inserem no ambiente, observa-se que o “[...] geógrafo debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham” (CLAVAL, 1999, p. 12).

Nesse sentido, a Geografia de Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Merleau-Ponty e Anne Buttimer (autores que assumem uma visão “holística” do Homem-Natureza) destaca o “*lebenswelt*” (mundo vivido) na experiência humana. E é relevante assinalar a importância das abordagens fenomenológicas que imbricam-se com a pesquisa sobre os problemas do Conhecimento e do Pensamento, examinando o fenômeno como ele é. E é sugestivo notar ainda que, por outro lado, trata-se de um método sempre inacabado que se pratica através

da experiência e da percepção, tornando como ponto de partida o comportamento humano. Além disso, cabe destacar que a fenomenologia está sempre atenta aos movimentos, aos olhares, as entonações da voz do Outro, à performance de quem fala e como algo é representado a partir, por exemplo, de uma análise geocognitiva.

A percepção construída, experimentada e “[...] ligada aos processos da cognição que aproxima a afetividade e memória” (GUIMARÃES, 2002, p. 130) promove, assim, sensações acompanhadas de diversos significados. Entende-se, através das abordagens de Tuan (1983), por exemplo, que o autor demarca que a experiência humana pode ser representada pela construção da paisagem, aliada aos usos sensoriais do corpo em relação ao mundo e pela qual desenvolvem suas noções espaciais; construções essas que são ampliadas pela experiência de vida diretamente ligada à intensidade e densidade das relações pessoais e coletivas estabelecidas no seu lugar de vida (MARANDOLA Jr., 2005).

Pode-se utilizar, nesse sentido, a interpretação da subjetividade entendida como o próprio sentimento que se diferencia das experiências do Homem no Espaço, valorizando a percepção do agente, além de perceber a aquisição da vida humana como um caminho a ser percorrido por experiências, que constituiriam a essência do mundo em nossas ações (MERLEAU-PONTY, 1971). E é neste contexto que o Lugar, e especialmente a paisagem podem ser tratados com novas abordagens, fenomenológicas e existencialistas (HOLZER, 2001).

A fenomenologia pode ser compreendida para os estudos no campo da Geografia como uma investigação, um Método mais que uma Ciência, que se “[...] ocupa com a existência humana, não com as suas condições e necessidades objetivas, mas sim, com os problemas existenciais do humano no mundo, consigo mesmo e com Deus” (SILVEIRA, 2010, p. 45); e considerando-se, aí, a intencionalidade da consciência e não se reconhecendo conseqüentemente uma objetividade da experiência intuitiva pré-reflexiva (SILVEIRA, 2010).

Além dessas bases e campo de estudo, temos a imprescindível sistematização da Geografia Humanista (1968) e da percepção que o clássico pesquisador Yi-Fu Tuan (em 1930) realizou, oferecendo, em uma das suas obras, “Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, publicada em 1980, uma nova abordagem para reconhecer o Homem. O autor consegue encontrar nos elementos universais e, ao mesmo tempo, particulares das percepções e valores sobre o ambiente, diferentes caminhos para identificar ações capazes de conduzir/acionar as pessoas em suas vidas. O autor fez, ainda, uma reflexão sobre as manifestações e movimentos do homem na sociedade, percebendo a formação constante da personalidade e identidade através dos mundos interior e exterior,

principalmente através do uso dos sentidos cognitivos e do constante experienciar o mundo. Para Tuan (1982, p. 143), a Geografia teria começado a entender o mundo de forma mais humana “[...] através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”.

Com todo o desenvolvimento das suas abordagens e técnicas, a Geografia conquistou sensibilidade de análises com os avanços obtidos nas reflexões centradas nos aspectos qualitativos. Na América do Norte e na Europa, a renovação da abordagem da Geografia Cultural foi marcada no início dos anos 1970 pela corrente humanista, que se interrogava sobre o sentido dos lugares, a postulação da região como espaço vivido ou os estudos das territorialidades, embora, no Brasil, como em outros países ocidentais, a “virada cultural” só vá se afirmar no início dos anos 90 (WAGNER; MIKESELL, 2007).

Vale ressaltar que conceber um espaço como sendo “o seu lugar”, é sentir-se parte integrante de um ambiente que se vivenciou, de diversas formas e maneiras, e onde se aprendeu com todos os sentidos, densidades e experiências de vida que se vincula a uma formação que reativa os anos de uma vida, incluindo-se, aí, as amizades, conquistas, angústias, alegrias, emoções e realizações. Esse lugar promove uma sensação emotiva espacial, se tornando “[...] um arquivo de lembranças afetivas de realizações esplêndidas que inspiram o presente: o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo, chance e movimento em toda parte” (TUAN, 1983, p. 171). Ele significa, para além de um recorte espacial, um ambiente que remete a um “[...] tipo de experiência de envolvimento do homem com o mundo” (RELPH, 1979, p. 19). E é nessa perspectiva que procura, aqui, analisar alguns fatores essenciais na construção emocional de um lugar para o homem, tais como: as sensações (e suas percepções), a densidade e intensidade das relações sociais e as experiências de vida (acompanhadas dos seus valores). Não que seja uma regra que se estabeleça a construção, permanência e o resgate afetivo, sensorial, emocional do Ambiente-Homem, mas este é um processo subjetivo que ajuda a compreender por que o lugar aparece, muitas vezes, como ambiente que remete a laços de afetividade e pertencimento.

O indivíduo quando nasce tem à sua volta, muitas vezes, a segurança familiar de seus pais e amigos em sua casa. E em sua trajetória de vida, da infância à adolescência, ele apreende várias sensações e sentidos para conhecer o seu lugar, entre os quais pode-se mencionar, em primeiro lugar, a visão, como o quadro que apreende o visível e fotografa imagens que servem como referenciais geográficas construídas em sua carga emotiva, firmada em encontros e realizações incidentes em determinado espaço (ALVES, 2014).

A visão reforça a experiência do contato com o entorno da pessoa, fazendo com que ela estabeleça ligações com suas próprias reflexões íntimas e coletivas, aguçando a sua intimidade com o Lugar, com o Outro e com a memória. Entretanto, a visão por si só “não” abarcaria a totalidade das sensações de vida do Homem e não é o único sentido que importa para apreensão de um lugar. Há, por exemplo, também a audição para a reafirmação de uma emoção, de um sentido maior. O escutar remete, também, à sensação de uma vida, das experiências de vida, ao encontro do eu com o próximo, e com o sentir o ambiente/lugar com suas impressões.

Já o olfato é, sem dúvida, outro sentido que propicia o encontro e a construção do Homem com o seu Lugar, conseguindo situar o homem no seu lugar, trazendo à lembrança, encontros, fatos, retratos de uma comunhão com o ambiente socialmente construído. E o paladar resgata todo um gosto de uma vida passada. “Quantas vezes um sabor não nos faz lembrar eventos, histórias, contos e encantos de uma situação pretérita?” Muitas vezes! Por fim, o tato se apresenta como outro elemento de sensação humana que complementa as maneiras de o ser vivenciar as emoções da vida que criam ligação com a paisagem e o lugar (ALVES, 2014).

Em síntese, todos os sentidos humanos, em diversos graus, densidades e variações são importantes para o sujeito se conhecer e conhecer o seu entorno, pois por eles o homem consegue sentir o lugar carregado de sentimentos, bons e ruins, que inevitavelmente fazem parte da vida. É inquestionável que muitas vezes ao lermos tais exemplos ou imaginarmos cenas das nossas vidas dá-se a impressão de que estamos parados no tempo como se estivéssemos em um filme que alguém congelou, pressionando o botão de pausa, porém ninguém está estacionado nas lembranças, ao se retornar aonde os eventos foram experimentados: o homem vive este filme como um resgate de história, dado que um homem sem enredo não viveu, apenas passou pela vida (ALVES, 2014).

Não se pode compreender que para sentirmos a relação com o lugar tenhamos que experimentar todas as sensações dos sentidos humanos. Isso depende de cada pessoa, cada grau de inter-relacionamento se constrói com a habilidade sensorial e cognitiva do Homem. Mas, é pela experiência e pelas sensações de cada ação que se constituem as diferentes maneiras com as quais as pessoas constroem o mundo.

E “[...] estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, audição, paladar e tato, até a percepção visual” (TUAN, 1983, p. 09). A percepção a que Tuan (1983) se refere envolve a atribuição de significados e estímulos dos sentidos sensoriais, a partir da relação de vivências. E é pela percepção que o ser humano interpreta e atribui significado ao seu meio, decifrando, selecionando e organizando estes sentidos

para a apreensão, na maioria das vezes, involuntária, de uma emoção, num “*continuum*” perceptivo que pode se firmar na estabilidade psicossocial do Homem e que está atrelada à experiência de vida.

Por isso, muitas pessoas que viveram em um mesmo lugar têm lembranças e sentimentos diferentes, pois cada lugar é experienciado de maneira distinta por cada uma delas. Observe-se que a percepção fornece ao ser humano sensações que integram o que foi vivenciado como um ato de voltar ao passado pelo significado dado ao que se impregnou como essencial. E a densidade é outro fator importante para o homem se integrar ao seu lugar, pois essa se formata com o passar do tempo.

Como exemplo, temos as crianças que ao promoverem contato com o Outro e diante da maturação e o desenvolvimento dos organismos biológicos e sensórios motores começam a constituir sentidos para a vida (SISTO, 2000). Todavia, se perguntarmos qual lembrança elas têm do lugar, elas seriam capazes de caracterizá-las em poucas e raras palavras com os seus sentimentos. Isso se processa pelo fato de a criança não ter construído, ainda, o seu ordenamento de amizades e experiências de vida com intensidade e densidade, e assim, “[...] a ideia de lugar da criança torna-se mais especificamente geográfica à medida que ela cresce” (TUAN, 1983, p. 34).

Ressalte-se que o ser humano é um ser histórico e todas as etapas de sua vida, configuradas através dos sentidos cognitivos, são importantes para a assimilação, acomodação e, posteriormente, equilíbrio psicossocial. Então, o lugar se desenvolve num processo de encontros do homem no ambiente entre-lugares, que se revelam como encontros de negociação que se afirmam como movimentos produtores de figuras complexas, ambíguas e multifacetadas, que se constroem em função de nós e de todos os atores sociais do processo de produção do espaço (AUGÉ, 2007).

Assim, a formação humana se realiza na experiência, sendo esta a concretização feita constantemente pela “[...] base da reprodução da vida que pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar [...]” (CARLOS, 2001, p. 20), acoplada a um mundo de significados em organização, estando em construção o seu território, pois “[...] conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e que temos vivido lugares que clamam nossas afeições e obrigações constantes” (RELPH, 1979, p. 16).

Para Santos (1997), o lugar é o material da possibilidade de eventos, o meio onde a vida se torna possível, uma dimensão das relações entre Sociedade e Natureza, ou seja, uma dimensão da reprodução. O autor percebe o lugar como arena da experiência em que as pessoas convivem no seu cotidiano, produzindo o espaço, e, assim, lugar não é local, o lugar é uma narrativa constante.

Pois, o lugar é o espaço da produção, reprodução, obtenção de conquistas materiais, mas principalmente é o palco da experiência; experiência que é construída e reconstruída pela situação socioemocional que o homem esteja passando. E a escala de análise do que remete ao “eu” e ao “nós” tem que ser sentida para que o lugar seja compreendido, dado que é no lugar que se relacionam os “produtos” da vida entre as esferas Humana e da Natureza, dando significado ao espaço e ao homem, além de garantir:

[...] a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade humana, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida [...] (CARLOS, 2007, p. 22).

O lugar é experimentação, de fazer, inventar, de ir e, aos poucos, se torna o espaço do indivíduo, uma vez que ele “[...] é a porção do espaço apropriável para a vida - apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, dos que vivem” (CARLOS, 2007, p. 17). Marandola Jr. & Hogan (2008, p. 16) percebem, também, o lugar como a dimensão da vida, onde se promove a ocorrência de laços sociais e identitários, pois é nele que o encontro dos homens acontece, sendo o “[...] centro da afetividade e da razão sensível, constituindo-se no foco da experiência humana”.

Nesse ponto, a paisagem também se apresenta como dimensão construtiva da vida coletiva que diz respeito à própria história de uma civilização, e tendo, como exemplos, monumentos, ruas, edifícios, parques, rios, árvores, florestas, bancos das praças, um mastro... que constituam elementos representativos da historicidade. E ressalte-se que, mesmo os elementos naturais, tornam-se elementos da paisagem cultural, pois ao olhar para a paisagem provocamos, ali, julgamentos, valoração, tornando-a histórica e socialmente percebida (RIBEIRO, 2010).

Com isso, pode-se inferir que a ligação do Homem como o Lugar estaria vinculada à intensidade de suas experiências consigo, com o Outro e mediadas pelas ações cognitivas, sendo possível ser ela sentida e/ou visível no plano da paisagem, tornando os eventos e as emoções mais vivos, conforme a significância dada ao espaço em que o indivíduo habita e produz, dando-se, assim, a construção do pertencimento e da afetividade, e não configurando a paisagem como mero instrumento de ligação a uma referência físico-espacial.

Nos estudos de Tuan (1980), topofilia é um neologismo percebido como a criação de um novo sentido na relação de pertencimento e afetividade ao lugar. É fruto de comportamento que envolve graus de realizações humanas espontâneas e experimentais

que são criadas em um processo de justaposição e aglutinação de trabalho, sentimentos, envolvimento e adaptação emotiva do homem ao lugar/ambiente.

Para Tuan (1980, p. 06), o conceito de topofilia é pertinente e útil, uma vez que:

[...] pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente. Este diferente profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode variar ao efêmero prazer que se tem de uma visita, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra, mas ela é mais forte quando se tem a experiência.

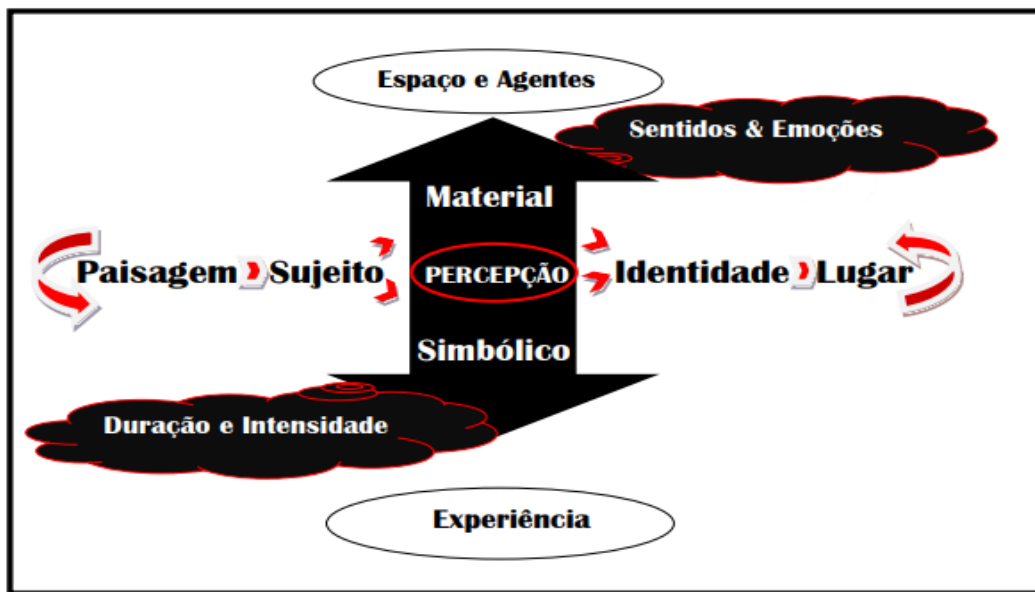
E observa-se que quando se estabelece a relação de topofilia, sendo permanente, aliás, a sua construção, o homem relaciona a natureza de uma paisagem com as emoções vividas no seu lugar, formando símbolos materiais e imateriais, as visíveis e aquelas mediadas pela emoção¹, tornando-se ele (o próprio homem) um símbolo de sua natureza (ALVES, 2014).

Toda essa formação de sentido e laço do homem com o lugar se afirma na percepção, elemento fundamental para a construção das feições sociopolíticas e culturais, constituintes de valores, pelas impressões sensoriais que passam a ser compreendidas como um processo de comunicação diretamente relacionado aos valores que as pessoas percebem e dão à vida. E as atitudes, interesses, expectativas e cenários se concretizam, aí, com a “[...] finalidade de dar sentido ao seu ambiente” (BRUNETTA; RIBEIRO, 2009, p. 25).

Gade (1980, p. 47), nesse contexto, demarca que a “[...] percepção remete aos processos pelos quais o indivíduo recebe estímulos através dos seus sentidos e os interpreta [...]”, construindo o seu mundo por ele. A Figura 01 retrata, de maneira sucinta, a relação da percepção como elemento de identificação; e resposta dos sentidos aos estímulos que oferece uma visão de mundo que é produto da experiência do homem, conceitualizada em suas atitudes, e aliada ao processo de experiência através dos conflitos e acordos sociais. Sintetiza-se, aí, a compreensão da Paisagem e do Lugar em sua fusão com o processo contínuo e intenso da criação de identidade do homem com o seu espaço vivido.

¹ Elas são de fato entendidas pela dimensão da experiência sensorial imediata, logo após utilizarmos o aparato sensorial-neural do sistema nervoso para interpretar as nossas percepções que imergem nas emoções surgidas pelo contato com os diversos universos representacionais. Estas sensações são “[...] categorizadas e interpretadas pela mente humana, pelos órgãos límbicos e neocorticais do cérebro, sendo a elas atribuídos significados que dependem da intensidade das sensações em que se darão as respostas emocionais (...) acompanhados ou não das mudanças fisiológicas” (MACHADO, 2007, p. 143).

Figura 1 – A vida em experimentação: lugar e paisagem. Sentido, percepção e experiência: topofilia.



Fonte: ALVES (2014).

Na figura acima é possível visualizar o sujeito, em contato e em relação com os agentes no espaço que participam de sua contínua experiência permeada por processos e ações que viabilizam a criação de paisagens, criando-se, nesse contexto, uma ligação com o Outro, numa trama simbólica entre o feito e o sentido, dependendo da sutileza dos laços estabelecidos (TUAN, 1980).

É relevante assinalar, a propósito, que essa formação de vínculos e percepção do homem com o lugar e a paisagem de acordo com as reflexões de Piaget (1996), Cória-Sabini (1998) e Machado (2007), nos leva a compreender que é através dos estímulos sensoriais e cognitivos que se constrói a ligação que o homem faz com a sua vida, dependendo da sua maturidade, e do seu contato com a sociedade em um processo contínuo de experientiação; promovendo, assim, com o passar do tempo, o relevante processo de percepção da paisagem e do ambiente. E a ligação que ele constrói com o ambiente, através do lugar, reflete a sua vida em constante construção, pois fica claro que a paisagem é a própria experiência dos estágios do ser no mundo (ALVES, 2014).

Entendendo que a Paisagem é a representação do homem no mundo, e o lugar é construído pela cognição e pelo atributo da qualidade do espaço – um resultado que nunca é acabado, pois, as experiências vividas – vivências, lembranças, emoções, sensações –, constroem o lugar e dão possibilidade de leituras da paisagem. E, nesse sentido, fica evidenciado que “[...] o lugar é reconhecido como uma sede – fonte e refúgio, santuário e cadinho –, de identidade” (LE BOSSÉ, 2004, p. 170) do homem. E, falar em identidade é

recair na cultura, embora este seja um conceito “[...] notoriamente escorregadio, difícil de ser pinçado e definido” (McDOWELL, 1996, p. 161).

Recorremos aqui a Geertz (1989) ao compreender a Cultura como um processo contínuo de maturação e experimentação do homem ao lugar e nas construções de suas paisagens; e como sendo vinculada a um processo em que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu; e associando “[...] a Cultura com essas teias e a sua análise; visualizando-a não na perspectiva de uma ciência experimental em busca de leis, mas sob a óptica de ciência interpretativa à procura de significado” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Cabe, então, entender toda essa junção que o homem realiza entre a paisagem e o lugar como o retrato da sua marca cultural e a cultura projetada, concomitantemente, em sua vida. Nesse sentido, reafirma-se aqui o sentido da cultura que Joël Bonnemaïson (apud CLAVAL, 2001, p. 35) destaca como sendo uma dimensão permanente que “[...] dá sentido e significado ao mundo e que propõe uma visão do mundo, uma ordem do pensamento. Esta ordem baseia-se em crença, mitos, valores. Daí resulta uma ética e uma estética, uma moral e uma arte”.

E tal ordem repousa ao mesmo tempo na razão e na sensibilidade. As culturas têm necessidade de crer em si mesmas, senão, é o caos. Esta visão de mundo é uma explicação do mundo, uma maneira de vê-lo, de percebê-lo, de senti-lo. Percebe-se, aliás, que existe, na contemporaneidade, um *frenesi* do homem pelo resgate da sua vida em histórias num contexto de inspirações que se podem fazer presentes como processo de constante afirmação (COSTA, 2011). E nesta busca destaca-se a memória, como uma forma de volta ao passado, que da realidade somente guarda o tempo cronológico, pois, muitas vezes, a história da vida que persiste no ser humano ainda é de anos pretéritos; dada a essência emotiva que permanece perante a construção realizada em sua vida.

Para reforçarmos a importância do lugar e da paisagem para e na construção social do homem, e também destacarmos o benefício e a relevância da externalização geocognitiva para a espacialização do homem, segue, no próximo subtópico, uma problematização sobre a importância dos mapas mentais como forma de representação do sujeito frente à sua vida e ao mundo vivido e ou experimentado.

MAPAS MENTAIS COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO GEOCOGNITIVA

Ao se observar tanta diversidade nas construções das paisagens, inquietações desafiam o pensamento humano para as nossas curiosidades ao ponto de pensarmos: “por

que há tanta diversidade de paisagens (...) tantas formas diferentes inseridas num ‘mesmo’ espaço territorial?” ou por que as paisagens não são todas similares ou padronizadas no espaço? E ainda: por que não percebemos da mesma maneira os monumentos, os edifícios, as ruas? (ALVES, 2014).

A grande questão é: o homem se apresenta para a paisagem com as suas ideias e lembranças. E com a relação por ele estabelecida com a paisagem e ele desenha em sua mente um mundo de múltiplas significações. Assim, a diversidade da paisagem está na capacidade de interpretação e da possibilidade do resgate da memória, em uma inclusão histórica que o homem faz ao perceber o que ele construiu ou o que a dinâmica social externa realizou, fazendo do indivíduo, parte de um grupo (ou coletivo), na sociedade, sempre atrelado/vinculado aos sentidos de sua percepção, e permanentemente processando diferenciações qualitativas em seu lugar (CARVALHO, 2011).

E quem de nós já não teve em algum momento da vida a necessidade de ensinar a alguém o caminho para uma casa, loja, praça, igreja, *shopping*, riacho ou até mesmo o nosso próprio lar? Quem nunca se deparou com um viajante/forasteiro/*outsider* que “perdido” pede orientação sobre o destino aonde quer chegar? Diversas situações em que até orientamos alguém através da mímica, apontando direções ou indicando referências geográficas verbalmente. Em tantas outras vezes utilizamos lápis, caneta, papel ou qualquer superfície que possa ser útil para rabiscarmos alguns traços e assim sermos capazes de ajudar a alguém a chegar ao seu destino. Todos esses símbolos norteadores que ganham vida e significância na decodificação da mensagem para o destinatário vão desenhando no Outro, um mundo que diz muito sobre o que percebemos como espacialidades e por mapas mentais e os quais, aliás, construímos de maneira automática por vivermos em tal espaço ou por termos afinidade/proximidade com ele. Podemos até mesmo afirmar que:

Todas as pessoas constroem diariamente seus mapas mentais de maneira consciente ou não. Por exemplo: ao nos levantarmos pela manhã, procuramos traçar na nossa mente o caminho que deveremos tomar para chegar ao nosso destino, seja a escola, o trabalho, o posto de saúde, a academia, a praia etc. No trânsito, somos levados a traçar e retrazar mentalmente mapas de diferentes trechos da cidade para fugir dos congestionamentos urbanos, ou para ‘cortar caminho’ a fim de encurtar o nosso tempo de deslocamento. Estes são exemplos de mapas mentais quase sempre somente ‘virtuais’, já que ficam restritos à nossa mente e raramente são narrados a alguém ou grafados em uma folha de papel. E o que dizer de uma pessoa com deficiência visual? Ao se locomover nos espaços residenciais, como do quarto para a sala e desta para a cozinha sem atropelar móveis e objetos dentro de casa, esta pessoa certamente usará um mapa elaborado em sua mente em função de sua vivência neste espaço. A sua experiência pessoal será fundamental para a construção de uma imagem mental na qual ficam registradas as dimensões e formas desses espaços, constituindo, assim, o mapa mental da casa (CARVALHO, 2009, p. 14-15).

É assim que o ser humano possui a capacidade – e cada um de nós, com as suas limitações, habilidades e competências –, de se comunicar por um processo geocognitivo, os quais pode se compreender como “[...] a construção do sentido em nossas mentes, cujo processo possui fases distintas: percepção (campo sensorial), seleção (campo da memória) e atribuição de significados (campo do raciocínio), que leva à ação e a memorização” (BAILLY, 1979 apud DEL RIO, 1990, p. 02).

Logo, pode-se entender que o homem se comunica por um processo cognitivo; processo esse que se materializa como mapa mental, o qual pode, aliás, ser visualizado como uma ferramenta para além de anotações de informações de forma: “[...] não linear, ou seja, elaborado em forma de teia, onde a ideia principal é colocada em uma folha de papel branco (sem pautas), usada na horizontal para proporcionar maior visibilidade” (ARCHELA et al., 2004, p. 138), sendo ofertado para captarmos do Outro, a interpretação e análise que tem sobre determinado lugar, ilustrado com imagens, ícones, traços, e muitas vezes, repleto de informações coloridas ou não. Para Niemeyer (1994, p. 06), esses são “[...] produtos de mapeamentos cognitivos, tendo diversas formas como: desenhos e esboços de mapas ou listas mentais de lugares de referência elaboradas antes de se fazer um percurso”.

E nesta perspectiva é importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, mas são, sim, construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares vividos e construídos materialmente e adquirindo significado afetivo (KOZEL; NOGUEIRA, 1999).

Sobre o objeto de análise através do mapa mental, no tocante à Geografia, o seu uso e aplicação são mais comuns na Geografia Humanística e Cultural, dado que é efetuado aí o estudo sob a ótica do lugar e onde se prefere conceber o espaço como cognição, como possibilidade de representação por quem nele vive e sente. Tuan (1979), inclusive, deixa claro essa concepção, justificando sua escolha pela afirmação de que o lugar engloba as experiências e as aspirações do ser humano, constituindo uma realidade que deve ser interpretada à luz da compreensão das pessoas que integram o universo de atuação do estudo geográfico. O autor reforça “[...] que o espaço não é uma ideia, mas um conjunto complexo de ideias (...) o lugar é um espaço estruturado” (TUAN, 1979, p. 89).

O mapa mental é, aliás, um recurso que não tem como objetivo substituir o processo convencional de anotações, mapeamento digital ou outros registros cartográficos, ele é o próprio recurso de análise, uma esforço de abstração do sentido que o Outro tem sobre determinado assunto em um determinado espaço. É a busca da majoração da capacidade de apreendermos, da maneira mais verossímil possível, sobre o universo social

do homem e como este percebe o seu Mundo. Os mapas mentais são, então, como ferramentas metacognitivas capazes de construir inventários do conhecimento mais próximo do que o interlocutor sente, percebe e até mesmo imagina; o conhecimento que cada um tem dos seus próprios processos e produtos cognitivos ou de qualquer aspecto a eles relacionados. Tais mapas constituiriam, na pior das hipóteses, riscos de representações das imagens mentais que não existem dissociadas da leitura de mundo.

E nesse aspecto:

[...] os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes, está ligada, sobretudo, ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (KOZEL, 2017, p. 121).

Rocha (2007) destaca que o mapa mental pode ser percebido como um signo que transmite uma mensagem, por meio de uma forma verbal e/ou gráfica que não necessariamente é um mapa. Em um mapa mental, o mapeador registra os elementos do espaço que são mais significativos para ele, “[...] com os quais mais se identifica, ou elementos dos quais mais faz uso no seu dia a dia ou, ainda aqueles elementos que mais lhe chamam a atenção por serem exóticos, ou por seu valor histórico, ou porque tem [com ele] uma relação de afetividade” (ROCHA, 2007, p. 161).

No mapa mental, a representação do saber percebido, o lugar, se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas e simbólicas, e, no qual, o imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar. Tais mapas revelam como o lugar é vivido e compreendido pelos cidadãos. Nogueira (2002) cita o trabalho dos geógrafos Yves André e Antoine Bailly, no qual, os mapas mentais são encarados como representações do real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, audiovisuais, olfativas, lembranças, coisas conscientes ou inconscientes.

Vale destacar que “*Sketch maps*” passaram a ser utilizados principalmente a partir da obra de Lynch (1982), do início da década de 60. E apesar de apresentar inúmeros avanços sobre os métodos desse instrumento de representação, seu trabalho foi alvo de duras críticas. É pertinente apontar que o autor conseguiu em sua obra aglutinar as conjeturas que se referem à dimensão espacial das cidades – forma e escala –, aos elementos estruturadores da experiência e percepção individual daqueles que as vivem. E as críticas

que ele sofreu incidiam ou fundamentavam-se no caráter estático dessas representações, que reduziriam os mapas mentais a retratos momentâneos da imagem mental do indivíduo ligadas aos itinerários por ele percorridos diariamente (DE PAULA, 2010).

No Brasil, uma gama de trabalhos sobre e com aplicação/uso dos mapas mentais como ferramenta de pesquisa são desenvolvidos, principalmente a partir da década de 90, e pode-se apontar que a base teórica deste estudo encontra-se pautada nas óticas do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, do psicólogo suíço Jean Piaget, do filósofo Merleau-Ponty, das geógrafas Livia de Oliveira e Salette Kozel, entre outros, que fundamentam os novos trabalhos sobre temas relacionados aos mapas mentais; e que, antes de qualquer coisa, representa a percepção (NOGUEIRA, 2002).

Oliveira (2002, p. 192), a propósito, argumenta que o mapa exerce a “[...] função de tornar visíveis desejos, impressões, pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade, quanto sobre o mundo imagético”. E Tuan (1975) alerta nesse sentido que os mapas assumem a função de nos preparar para comunicarmos, efetivamente, informações espaciais; e tornam possível ensaiar um comportamento espacial na mente; são dispositivos mnemônicos, pois quando desejamos memorizar eventos, pessoas e coisas, eles ajudam a definir sua localização; como mapas reais, os mapas mentais são meios de se estruturar e armazenar conhecimento; e eles também são de mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis às pessoas.

Tuan (1975) destaca ainda a importância da análise dos mapas mentais e das imagens eidéticas, as quais se desdobram em dois tipos. A primeira delas é a imagem-memória, da qual tem-se a necessidade de se firmar em um contexto, pois busca a aproximação máxima à realidade das lembranças individuais, ou seja, os elementos são postos aí justamente em função daquilo que não seria imaginativo e/ou fantasioso. Diferentemente do segundo tipo, o da imagem-imaginação, a qual se expande naturalmente a fim de tornar as lembranças mais ou menos agradáveis, ou seja, tal tipo de imagem não tem um compromisso com o real, mas modela-se, ao invés disso, a partir dos anseios e desejos individuais e coletivos (como uma fuga da realidade frustrada, como a possibilidade do resgate histórico como desejo da sua permanência no dia a dia, dentre outros).

Segundo a *Metodologia Kozel* (KOZEL, 2007), os mapas são decodificados e analisados pelos seguintes elementos norteadores/requisitos:

a) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem: observando-se em um primeiro momento as formas que aparecem como: ícones, letras, mapas e linhas.

b) Interpretação quanto a distribuições dos elementos na imagem: analisando-se como as formas estão dispostas no mapa, isto é, se estão isoladas, dispersas, horizontais, em perspectiva.

c) Interpretação quanto às especificidades dos itens: neste item a leitura aprofunda-se, subdividindo-se em: representação dos elementos naturais da paisagem; representação dos elementos da paisagem construída; representação dos elementos móveis; representação dos elementos humanos.

d) Apresentação de outros aspectos particulares: incluem as percepções sobre as questões ambientais inspiradas nas noções de ética e do saber cuidar (BOFF, 1999) e as noções de identidade e de pertencimento (TUAN, 2005).

Incluiu-se, ainda, na *Metodologia Kozel* (2007), as noções de tempo-espaço-distância permeadas pelo pensamento de Dardel (1990), permitindo um diálogo entre a geograficidade dardeliana e as representações kozelianas. E essa interlocução viabiliza as seguintes análises: noção da distância (longe, perto, dentro, fora); questões de afetividade (laços afetivos e seus limites); e, as ações e as intenções humanas - aqui baseadas no conceito de Intencionalidade proposto por Dardel (1990).

O aspecto mais importante nessa busca de decodificação da percepção do Outro sobre o espaço habitado e o lugar vivido é a sensibilidade. Entre os pesquisadores, existem, como Tuan (1975) ressalta, pessoas com habilidades visuais (gráficas) e outras com habilidades verbais (texto ou discurso). O pesquisador deve estar atento às linguagens do cotidiano do sujeito, aos signos que ele emprega na construção do seu mapa; ou seja, no espaço e nos enunciados através do dialogismo, dando atenção às formas, olhares, dicção, emoções projetando para além de linhas e trajetos, os odores, sabores, etc.

E para, além disto, ainda no ato de representar graficamente o ambiente, vale compreender que, se o sujeito não conseguir representar de forma nítida o seu mundo em um papel, isto, inclusive, não significa necessariamente que ele não estabeleça relações de envolvimento com esse espaço. Ao analisar os mapas mentais, é preciso, não pensar neles como meros desenhos sem sentido, e focar na intenção do que se quis representar, como aponta Kozel (2007). Ou como Tuan (1980, p. 108) destaca: temos que aprender a contemplar uma obra de arte, pois: “[...] é importante o conhecimento da história crítica, porque mantém presa a atenção na obra, enquanto os sentidos se recuperam”.

Como exemplo de trabalhos com mapas mentais, destaca-se os da geógrafa Ludimila de Miranda Rodrigues Silva, que atuou com pesquisas estreitamente ligadas a comunidades indígenas e quilombolas, desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG), tendo sido coordenada

em projetos e orientada em cursos de pós-graduação pelo Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus (coordenador do Grupo de Estudos Culturais e Etnogeográficos – GECES). Um dos seus trabalhos apresentados no ano de 2016 no 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, ocorrido na UFMG, em Belo Horizonte/MG², e o qual se intitula: “A cartografia histórica de *Curt Nimuendaju* e a etnogeografia dos índios *Krenak*”, apresenta mapas mentais sobre o território deste povo indígena no passado, conforme a Figura 2 abaixo demonstra:

Figura 2 – Mapas mentais representando o Território *Krenak* antigamente.



Fonte: SILVA & DEUS (2016).

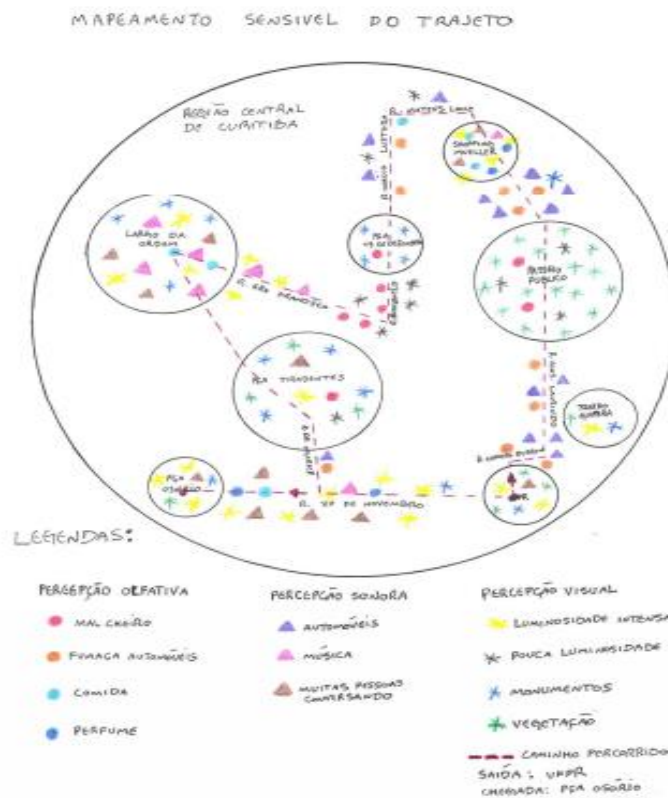
Sobre os elementos que compõem os mapas mentais (FIGURA 2), os autores puderam destacar que, a percepção espacial e histórica dos *Krenak* foi pautada fortemente na dimensão desse grande território que seus ancestrais ocuparam no passado, na luta de resistência do grupo e na manutenção de seu território atual, o que chamamos aqui de etnografia (ou etnogeografia) dos índios *Krenak*. O que foi representado pelo mapa mental faz parte das práticas diárias desses sujeitos no presente, reverenciando e se inspirando em seu passado de luta a fim de alcançar um futuro próspero (e o que os aproxima de suas referências ancestrais). Os mapas elaborados pelos índios apresentam uma relação intrínseca com o território original, marcado pelas paisagens naturais, aí, expondo seu modo de vida, no tocante ao lazer, trabalho, ritual e especialmente valores e costumes.

Outro belo exemplo do uso dos mapas mentais são os apresentados pelas pesquisas desenvolvidas pela Profa. Salete Teixeira Kozel, docente da Universidade Federal do

² Tais pesquisas foram publicadas pelos autores, em versões mais elaboradas, em periódicos científicos nacionais e internacionais (DEUS, 2011; SILVA & DEUS, 2017). O “público-alvo” das pesquisas – os *Krenak*, vale ressaltar –, são um grupo étnico “remanescente” da família dos Botocudos (Tronco **Macro-Jê**), do leste brasileiro, a qual no passado agregava outros grupos étnicos – hoje, já extintos –, como os *Gyaporok*, *Pojitxá*, *Nack-Nenuck* e *Nakrehé*. E um trabalho mais recente – e muito sugestivo(!) –, fundamentado na análise de mapas mentais, foi aquele desenvolvido, por sua vez, entre os integrantes da sociedade envolvente da Terra Indígena Fazenda Guarani (dos índios *Pataxó*), em Carmésia/MG por Dias Neto & Deus (2020).

Paraná (professora-convidada da Università degli Studi di Trento/Itália) e integrante do Núcleo de Estudos em Espaço e Representação (NEER). No ano de 2009, no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina, em Montevideo (Uruguai), a pesquisadora apresentou dados da pesquisa efetuada na universidade do Paraná com seus alunos do curso de pós-graduação em Geografia, pesquisa essa intitulada: “As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível”. E um dos mapas analisados é mostrado na Figura 3:

Figura 3 – Mapa mental, campo Geografia.



Fonte: KOZEL (2009).

Nesse mapa (FIGURA 3) fica evidente que as cores e formas foram os signos escolhidos pelos discentes para representarem percepções vividas no trajeto por eles percorrido no dia a dia. O círculo foi escolhido para referendar as inter-relações dialógicas estabelecidas. Ainda foi presente a compreensão do espaço pela percepção olfativa, sonora, visual na identificação dos objetos observados, ou seja, os sentidos cognitivos tendo sido propulsores de identificação do **ser no espaço habitado**. Em seguida, foi exposta a percepção dos pesquisados sobre a sua experiência de vida com o lugar, as mudanças das paisagens e as possíveis intervenções urbanas, a serem sempre implementadas de maneira

dialógica e com base no discurso coletivo (claro, respeitando as singularidades de cada representação).

Quanto aos mapas mentais e sua relação de espacialidade e apresentação de mundos pela percepção, fica evidenciado que eles são dispositivos de resgate históricos, pois quando desejamos, podemos promover uma imersão mental em busca de eventos, pessoas e objetos, a fim de colaborar para a reafirmação da sua localização no plano afetivo ou espacial. São ainda estruturas que provocam a externalização de conhecimentos e que podem ainda ser percebidos como uma tentativa da fuga da realidade quando possibilitam perceber a vida em um mundo imagético (embora repleto de intenções e objetivos).

Para concluirmos a discussão, apresentamos a seguir reflexões sobre a importância dos mapas mentais e a relação do lugar e a paisagem como categorias fundamentais para compreender melhor o homem e o sentido que ele dá ao seu mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação estabelecida entre os significantes (objeto) e significados (representação) da paisagem e do lugar mostra que o homem possui uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico e a sua representação. E a Geografia vai se apropriar dessa capacidade construtiva para dar lugar às expressões dos sujeitos. Os símbolos internalizados são expressos em diversas formas em que os graus de importância podem ser os mais variados, pois, quem o vivencia é o sujeito que pode, inclusive, expressar tal sentimento através da linguagem cognitiva. E como demarca, a propósito, Tuan, com elas “[...] os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa” (TUAN, 1980, p. 15). E o autor, inclusive, assinala que o símbolo “[...] é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo” (TUAN, 1980, p. 26).

A Geografia Humanista, aqui aportada no campo mais amplo e abrangente da Geografia Cultural, especialmente abordada através da discussão do Lugar e da Paisagem, permite estabelecer uma conexão de tais categorias (através da utilização dos mapas mentais) também com a ciência da experiência, a qual analisa o fato sob a luz da percepção; ressaltando-se que os mapas mentais emergem, nesse contexto, como produtos da imagem percebida, do registro perceptual do sujeito; complementando e contribuindo para o desenvolvimento de uma análise que pode ser produtiva e viável para a compreensão do Homem no Mundo, revelando que mundo esse homem percebe, vivencia e os lugares aonde ele deseja ir ou mesmo, a eles, voltar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rahyan de Carvalho. **Topofilia, turismo e a releitura do lugar**: Uma abordagem sociocultural do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Urbanístico de Diamantina/MG. 2014. 326 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ARCHELA, Sampaio Rosely; GRATÃO, Lúcia Helena B.; TROSTDORF, Maria A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 133-145, jan./jun. 2004.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas (SP): Papirus, 2007.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRUNETTA, Nádia; RIBEIRO, Regiane. **Relações interpessoais**: recursos humanos. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: EdUSP/FFLCH, 2007.

CARVALHO, Edilson Alves de. **Leituras cartográficas e interpretações estatísticas**. Natal (RN): EDUFRN, 2009.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis (SC): EdUFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Everaldo Batista da. **Totalidade urbana e totalidade-mundo**: as cidades coloniais barrocas face à patrimonização global. 2011. 444 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DARDEL, Eric. **L' homme et la terre** – nature de la réalité géographique. Paris: Editions du CTHS, 1990.

DE PAULA, Luiz Tiago. Mapa mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010. p. 01-10.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINE, 1990.

DEUS, José Antônio Souza. Identidade, etnicidade e paisagens culturais alternativas no Vale do Rio Doce/Minas Gerais-Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, San José (Costa Rica), n. esp. EGAL 2011, p. 1-14, jul./dez. 2011.

DIAS NETO, José; DEUS, José Antônio Souza. O Mapa mental como ferramenta de análise sobre o Lugar: a percepção da comunidade pataxó da Terra Indígena Fazenda Guarani pela sociedade envolvente. In: REGO, Nelson; KOZEL, Salette. **Narrativas, Geografias e Cartografias: para viver é preciso espaço e tempo**. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar-Cultura/Editora IGEO-UFRGS, 2020. v. 1, p. 127-154.

GADE, Christiane. **Psicologia do consumidor**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **GeoSul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, jan./jun. 2002.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-122.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salette. [*et al.*] (orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Margem, 2007, pp.114-18.

KOZEL, Salette. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível. In: EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo. **[Anais...]** Montevideo: Editora Universidad de la República, 2009.

KOZEL, Salette; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia de São Paulo**, São Paulo, n. 13, p. 239-257, 1999.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 157-180.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MACHADO, Lucy Marion Calderin Philadelpho. Paisagem cultural. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Org.). **Da percepção e cognição a representação: representações teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 139-157.

MARANDOLA Jr., Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16., 2008, São Paulo. **[Anais...]** São Paulo: ABEP, 2008. p. 01-21.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte (MG), v. 15, n. 24, p. 49- 67, jan./jun. 2005.

McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159-187.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O espaço. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971. p. 249-303.

NIEMEYER, Ana Maria de. Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia. **Textos Didáticos**, Campinas/SP, n. 12, p. 03-19, jan. 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: OLIVEIRA, Jairo da Luz; SANGHI, Simone da Fonseca (Org.). **Fundamentos da vida social**. Canoas: EdULBRA, 2002, p. 119-147.

OLIVEIRA, Livia de. A percepção da qualidade ambiental. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte: v. 12, n. 18, p. 29-42, 2002.

PATAXÓ RETIRINHO. **Território e Cultura/Pataxó Retirinho**; [Apinaera Pataxó (Sijanete Pataxó) e Txahú (Clóvis Pataxó); transcrição Alice Bicalho e Henrique Alves; desenhos Apinaera Pataxó e Clóvis Pataxó]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. 88 p.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

RELPH, Edward Charles. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro (SP), v. 4, n. 7, p. 01-25, 1979.

RIBEIRO, Rafael Winter. Os ídolos da paisagem: caminhos e descaminhos da relação entre paisagem e patrimônio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, 1., 2010, Rio Claro. **[Anais...]**. Rio Claro (SP): UNESP, 2010. p. 4108-4119.

ROCHA, Lurdes Bertol. Mapa mental: forma de comunicação espacial. In: TRINDADE, Gilmar Alves; CHIAPETTI, Rita Jacqueline Nogueira (Org.). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus, BA: Editus, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997. 232 p.

SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues; DEUS, José Antônio Souza. Os processos de resistência e a emergência etnopolítica dos Borun do Watu. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 48, p. 46-79, 2017.

SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues; DEUS, José Antônio Souza. A cartografia histórica de *Curt Nimuendaju* e a etnogeografia dos índios *Krenak*. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 3., 2016, Belo Horizonte. **[Anais...]**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 2016. p. 285-294.

SILVEIRA, Sandra da Silva. Influências da fenomenologia. In: SILVEIRA, Sandra da Silva. **Questão social**. Canoas: EdULBRA, 2010. p. 43-52.

SISTO, Fermino Fernandes. O raciocínio do adolescente – As operações formais ou aquisição do raciocínio experimental. In: SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de Campos; FINI, Lucila Dihel Toaline (Org.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. p. 71-104.

TUAN, Yi-Fu. A Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: DIFGL, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Ambigüidade nas atitudes para com o meio ambiente. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, IBGE, v. 34, n. 245, p. 5-23, 1975.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Os temas da Geografia cultural. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.

Como citar:

ABNT

ALVES, R. C.; NEVES, M. R. C.; SILVA, A. J.; DEUS, J. A. S. Mapas mentais e a representação geocognitiva: novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 7, e202109, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202109>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

APA

Alves, R. C., Neves, M. R. C., Silva, A. J., & Deus, J. A. S. Mapas mentais e a representação geocognitiva: novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 7, e202109. Recuperado em 04 abril, 2021, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202109>

| Mapas mentais e a representação geocognitiva: novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens |

| Rahyan de Carvalho Alves | Mariana Rodrigues da Costa Neves | Adília Jardim Silva |
| José Antônio Souza de Deus |



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2021, Universidade Federal do Maranhão.

